

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: O Popular Class.: 126

Data: 20/04/82 Pg.: \_\_\_\_\_

*Índio morre  
e os Karajá  
evitam festa*

O Dia do Índio foi marcado pela tristeza na aldeia Karajá, na Ilha do Bananal, em consequência da morte de Kurisiri, de 22 anos, casado, pai de dois filhos e neto do cacique Arutana. Ele morreu no dia 11, afogado no Araguaia, depois de iniciar a travessia de canoa, completamente embriagado. Sua embarcação foi encontrada virada e o remo boiando, já no dia seguinte.

“Estamos chorando com tristeza o desaparecimento do nosso menino” — disse seu avô, justificando o cancelamento das festas e competições tradicionais na aldeia. O cacique Maluaré, por sua vez, é contra a reabertura do Hotel JK, a construção de novas estradas na ilha e a presença de posseiros na reserva dos Karajá. Os líderes jovens não querem bebida alcoólica na reserva.

# Índio morreu e Karajá não faz festa

Reportagem de JOSÉ LINDOMAR DE ALMEIDA

Este ano, os índios Karajá não comemoraram o Dia do Índio, com as festas e competições tradicionais. "Estamos chorando com tristeza o desaparecimento de nosso menino" — justificou o cacique Arutana, de 60 anos, depois de contar como morreu seu neto Kurisiri.

Kurisiti tinha 22 anos, era casado, pai de dois filhos e estudava na sexta-série do primeiro grau numa escola de São Félix em frente à sua aldeia, Santa Isabel do Morro, na Ilha do Bananal. No último dia 11, ele saiu de casa e não mais voltou. Na manhã do dia seguinte, algumas crianças que atravessavam o Araguaia, para ir à escola, encontraram sua canoa virada e com o remo boiando. A última vez que ele foi visto, estava muito embriagado e tentando entrar na canoa. Seus companheiros acreditam que ele caiu no rio, e devido ao álcool não deu conta de nadar. Um dos orgulhos dos Karajá é a agilidade dos índios na água.

## Tristeza

"Nosso povo é muito sentimental. Durante oito dias, de acordo com nossa cultura, vamos chorar por Kurisiri. Ao mesmo tempo um grupo de homens está no rio procurando seu corpo, ainda desaparecido" — explicou um primo, o Kurerrete, ou Kuri, como é conhecido no segundo ano de Administração de Empresas da Faculdade Católica de Ciências Humanas do Distrito Federal. Além desse curso, Kuri é auxiliar de administração na Funai e paraquedista.

Ele chegou a Santa Isabel do Morro na sexta-feira à tarde para desenvolver uma série de atividades durante a Semana do Índio, juntamente com vários outros jovens da aldeia que estudam nos grandes centros e que ali estarão ainda nesta semana. "Mesmo assim nós vamos tentar fazer alguma coisa, que não seja festa. Na terça-feira, (hoje), haverá uma partida de futebol e um churrasco, mas só isso. Depois, nós vamos reunir os jovens de todas as aldeias da ilha. Acho que como as outras nações indígenas não temos muita coisa a comemorar, por isso vamos discutir nossos problemas, tentar refletir sobre vários assuntos e busca... a união entre as lideranças das aldeias, hoje bastante divididas".

O principal assunto da pauta de discussões entre os jovens Karajá é o problema da bebida alcoólica. "Só em nossa aldeia morre pelo menos um índio por ano em decorrência da embriaguez e em situação semelhante a de Kurisiri" — disse Kuri. De acordo com o cacique Maluaré — o único reconhecido pela Funai, já que os outros dois caciques foram nomeados por Getúlio Vargas — em São Félix há editais afixados em todos os bares, proibindo a venda de bebidas alcoólicas aos índios. Porém, ninguém respeita esses editais. "Ninguém sabe quem vende, nem quem compra. As pessoas aparecem bêbadas aqui e não falam. A única coisa que sei é que estão sendo vendidas apenas duas marcas de cachaça, a 51 e a Tatuinho, que chamamos de Conhã a preços altos".

## Problema sério

Há pouco tempo a direção do Parque Indígena da Ilha do Bananal teve que construir uma espécie de clube na aldeia. Hoje lá funciona um aparelho de televisão, uma mesa de ping-pong e uma mesa de sinuca. De acordo com os funcionários do posto da Funai em Santa Isabel, a construção do clube foi a única saída que encontraram para resolver parte de um problema que estava se tornando sério. Tão logo chegaram os primeiros televisores em São Félix, os índios — adultos e crianças — deixavam a ilha para ver as imagens. Depois iam para os bares tomar cachaça e jogar sinuca. "As crianças iam juntas — homens e mulheres. Se embriagavam e aprendiam todos os tipos de vícios. Ai começaram a aumentar os casos de prostituição e desagração entre as famílias" — contou um funcionário de nome Laércio.

Todos esses problemas são fruto apenas do contato entre os índios e a civilização. Em consequência disso, muitos rituais Karajá já não constam mais da formação das crianças. As lutas, as corridas e o esporte de flecha, foram extintos entre eles. Segundo o cacique Maluaré, de 53 anos, "na época em que existia o índio puro", que andava de tanga, ele chegou a correr dos brancos. "Hoje já não corro mais, porém as crianças não são fortes mais. Não temos mais guerreiros. Nem lembro que as crianças eram acordadas de madrugada para tomar banho de rio, enquanto os velhos ficavam próximos da fogueira. Após o banho, a gente tinha que ficar por muitas horas tremendo de frio. Isso era para ficar forte e com muitos músculos. Hoje apenas algumas pessoas têm os sinais de riscos que faziam nas coxas e nos braços" — explicou Kuri ao lamentar o processo de decadência que enfrenta sua nação. "Quando eu era jovem, só nesta aldeia, éramos umas duas mil pessoas. Hoje somos apenas 340. A tendência é reduzir cada vez mais esse número" — contou Maluaré. Em Santa Isabel existem mais de 30 índios com tuberculose, em fase de tratamento. Entretanto, os silvicultores alegam que nada cura esse mal. Na ilha existe um hos-



O Araguaia continua cheio e a ilha do Bananal alagada, dificultando a movimentação no seu interior



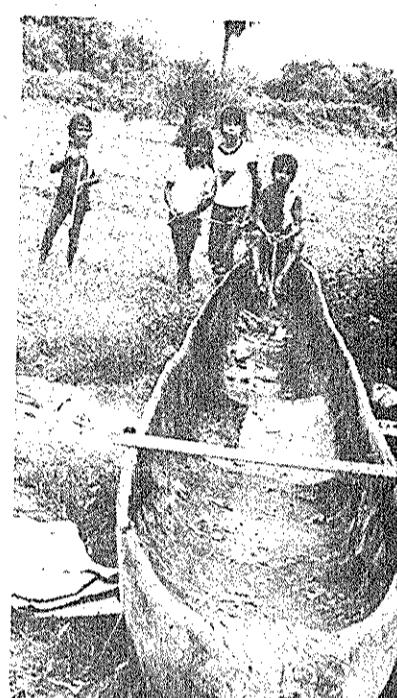
Decadentes, mas alegres



O lamento por Kurisiri



Preservando a cultura



Arco e flecha esquecidos



O cacique com o filho e futuro sucessor no Bananal



A aldeia Karajá parece mais uma favela ou invasão

## Funai e Museu nada promoveram

O Dia do Índio, que foi comemorado ontem em todas as Américas, não teve nenhuma comemoração em Goiás a cargo da Delegacia da Fundação Nacional do Índio em Goiânia e do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás. Apenas algumas escolas, da rede pública e particular, festejaram a data, com alunos fantasiados de índio, realizando encenações e participando de palestras sobre os silvícolas.

O Museu Antropológico está fechado para reformas, com sua exposição desmontada, e a Delegacia da Funai, segundo informou seu assessor, Agostinho Reis, está se preparando para transferir-se para Araguaia, deixando na Capital apenas um "ponto de apoio". O Museu Antropológico da UFG possui um rico acervo de material indígena, reunido pelo professor Acary Passos durante mais de 40 anos dedicados ao assunto.

## Comemorações

O Instituto de Artes da Universidade Federal de Goiás vai promover um ciclo de debates sobre a cultura indígena, focalizando apenas os índios goianos. O ciclo será desenvolvido no período de 28 a 30 deste mês, tendo como conferencistas os professores Júlio Melatti, da Universidade de Brasília, que falará sobre os Kraô, e Roberto da Mata, do Museu de História Natural localizado no Alto da Boa Vista, no Rio de Janeiro, que discorrerá a respeito dos Apinagés, além de outros professores da Universidade Federal de Goiás que abordarão temas relacionados com a cultura e trançados karajás.

Segundo informou a diretora do Instituto de Artes, Maria Augusta Calado, todas as palestras serão posteriormente publicadas em livro, "para uma divulgação mais permanente do assunto" — frisou. Ressaltou ela que o ciclo de palestras terá como objeti-



Em algumas escolas o Dia do Índio foi comemorado

vo mostrar o índio como ele é e não como normalmente muitos desejam que ele seja. Fora isso, nada mais acontecerá para comemorar a Semana do Índio, além de uma exposição organizada pelo Instituto Chicago.

## Pessimismo

Abordado a respeito das comemorações da Semana do Índio, Acary Passos, que deixou recentemente a direção do Museu Antropológico da UFG, manifestou-se bastante pessimista com relação ao futuro do índio no Brasil. Disse ele que na última quarta-feira esteve na Delegacia da Funai em Goiânia, para tratar de um assunto referente aos Karajás, em Aruanã, mas o delegado Ivan Baiocchi não estava e, ao comentar o Dia do Índio, o seu substituto procurou desviar o assunto.

Lembrou o ex-diretor do Museu Antropológico da UFG que no ano passado foi promovida uma semana de palestras e debates com resultados

"bastante positivos", tendo vindo a Goiânia o então presidente da Funai, o presidente do Projeto Rondón e outras autoridades da área.

Questionado a respeito da situação do índio brasileiro, Acary Passos afirmou que enquanto a Funai não se reestruturar e não modificar os seus métodos, a situação do índio será "cada vez pior". Ressaltou que vê essa situação, "como sempre, com um profundo desalento", porque o índio está sendo massacrado diariamente pela ganância desenfreada dos comerciantes de terras.

E enfatizou: "Não vejo possibilidade nenhuma de melhoria dessa situação. E o caso do Dia do Índio, que se nos apresenta de maneira estranha. Nós, os civilizados, criamos o Dia do Índio, sendo que o índio ignora totalmente isso. E para eles é uma felicidade ignorar essa data, porque seria um dia de desgosto para eles, uma vez que o seu sofrimento é tanto que seria um dia de amargura total. E preferível que eles continuem ignorando inteiramente isso. Nós é que inventamos o Dia do Índio, criamos o Dia do Índio, mas relegando as nossas tribos à sua própria sorte".

## Extinção

Acary Passos observou que na época em que foi instituído o Dia do

Índio o Brasil contava com mais de dois milhões de silvícolas e que hoje conta com menos de 200 mil. "Caso continue essa política errada e absurda com relação aos problemas do índio, a extinção da raça será fatal".

Denunciou ele que os atuais proprietários de terras, "que vão comprando e os sucessivos governos lhes vendendo desordenadamente", estão fazendo com que o índio já não tenha condições nem de fazer mais a sua agricultura incipiente que era, primária, mas que era suficiente para ele se manter e manter a sua prole. Disse Acary que hoje o índio já não tem mais condições de trabalho, porque diariamente chega um estrangeiro em suas terras com um pedaço de papel dizendo: "Eu sou o dono disso aqui".

Explicou o ex-diretor do Museu Antropológico da UFG que o índio não tem noção disso, porque entende que se seus avós, seus pais, seus antepassados nasceram e morreram ali, a terra lhe pertence. E que não se pode exigir que o índio tenha noção de Código Civil, porque "aquilo é dele". Ressaltou ele que o selvagem não pode aceitar que o estrangeiro que chegou com o pedaço de papel na mão seja o dono da terra.

Na sua opinião, os governos é que deveriam encarar o assunto com mais seriedade, impedindo que isso acontecesse, o que gera conflitos com resultados sempre desfavoráveis para o índio. Para ele, o poder público deveria criar mais parques, mais reservas, dando a terra ao índio, que é o dono mais legítimo. Isso não acontece porque o índio está sendo pressionado para ir para um lugar que ninguém sabe qual será.

O Dia do Índio foi instituído em 1940, numa reunião realizada na capital mexicana, de nações latino-americanas. Na oportunidade foi escolhido o dia 19 de abril, que foi a data de abertura do encontro, como a data que passaria a ser festejada anualmente como sendo o Dia do Índio, ad — reterendum das nações participantes. Em 1941, o então presidente Getúlio Vargas instituiu a data por decreto. Na ocasião, conforme informou o professor Acary Passos, o Brasil contava com mais de dois milhões de índios, que hoje estão reduzidos a menos de 200 mil.

pital e um médico para atender toda a população indígena da região e do Parque Nacional do Xingu, mas não conseguem curar a doença.

## Reserva florestal

O Parque indígena do Bananal tem uma área de 1.035.000 hectares demarcadas pelo limite natural, — os dois braços do rio Araguaia que formam a ilha. Isso, no entanto, não é suficiente para encampar, na área, todas as aldeias da ilha. Agora duas delas estão sendo afetadas com a criação da reserva florestal do IBDF, no norte da ilha. Os índios, que toda vida habitaram aquela área, estão sendo impedidos de plantar suas lavouras, de caçar e pescar. De acordo com Maluaré, o IBDF estaria pressionando os índios das aldeias de Fontoura e Macaúba a mudarem para a parte Sul da ilha. Segundo um funcionário da Funai, já estão sendo feitos estudos no sentido de nova demarcação da reserva florestal a fim de permitir que as duas aldeias continuem onde estão, já que eles moram ali desde antes da criação do IBDF ou da própria Funai.

Se de um lado da ilha os índios estão sendo pressionados a deixar as aldeias, por órgãos do próprio governo, ao sul são ameaçados em decorrência da invasão de brancos — posseiros e criadores de gado — além da ameaça de construção de duas rodovias dentro do parque.

## Penetração

"Ouvi dizer que existem aqui 30 mil brancos" — contou o chefe da aldeia na presença de um chefe de posto da Funai. Este por sua vez explicou que há dois anos, existiam cerca de 14 mil posseiros, pescadores e caçadores dentro da ilha. Fora isso, no período de seca, ainda havia os criadores de gado que levavam seus rebanhos para aquela área, onde a passagem está sempre verde. A partir de intensa fiscalização do órgão, hoje, está calculado em torno de três mil o número de brancos morando no parque. Só no ano passado foram expulsas da parte sul da ilha mais de 300 caravanas de pescadores. Atualmente, 200 quilômetros às margens do rio Javaé, braço menor do Araguaia, estão sendo fiscalizados pelo cacique Elizeu, da aldeia dos Javaé, e que também é chefe de posto da Funai na região. "Ali ninguém consegue entrar, porém os posseiros vêm pelo sul e acabam parando por aqui", contou Laércio. Ele explicou que atualmente a Funai vem cobrando uma taxa de utilização dos fazendeiros que levam rebanhos para a ilha. "Impedir que eles entrem aqui pode gerar sérias consequências econômicas e sociais, pois na época de seca os únicos pastos da região ficam no interior da ilha".

## Rodovias e hotel

As justificativas do funcionário da Funai não chegaram a convencer o cacique. "Nós não queremos esse pessoal aqui. Não queremos também que o hotel JK seja reaberto. O presidente da Funai, Paulo Leal, esteve aqui e eu expliquei isso a ele. Não queremos o hotel porque os turistas vêm, entram na aldeia e depois saem inventando coisas sobre índios ou deixam aqui parte de suas doenças. Hoje somos poucos índios devido à tuberculose". Segundo Maluaré, o desejo de todas as pessoas da aldeia é que a Goiastur ou a Sudeco levem dali até as telhas do JK.

Essas no entanto, não são suas únicas preocupações. Ele pediu ao presidente Paulo Leal que interfiria junto ao governador Ary Valadão para que não executasse duas rodovias já planejadas e iniciadas e que vão cortar a parte sul do Bananal. Uma vai ligar Gurupi e a Outra São Miguel do Araguaia a São Félix.

As duas rodovias representam para os índios a proliferação de doenças, mais bebidas na aldeia, mais índias se prostituindo na cidade, mais brancos na reserva, menos peixes e menos caças na região. "Já faz cinco anos que não vejo um porco do mato" — disse.

Todos esses assuntos estão na pauta de debate dos jovens Karajá, como forma de evitar que aconteçam outros casos semelhantes ao de Kurisiri. "Queremos ver se aplicamos uma injeção de ânimo nos nossos irmãos. A cada dia que passa, eles estão mais desanimados e querendo ter cada vez mais aquilo que os brancos têm e mostram através da televisão e das vitrines. Queremos explicar-lhes o valor de ser índio, de não deixar nossas tradições morrerem de preservar nossos traços culturais" — explicou Kuri, o sucessor do cacique natural da aldeia de Santa Isabel. Os outros dois são considerados caciques biónicos, o que vem provocando uma certa dissidência entre os índios.

## Economia

Talvez os Karajás sejam os únicos índios goianos a possuírem lavouras mecanizadas. Nesta safra, colheram 794 sacos de arroz numa área de 40 hectares, mesmo com uma perda calculada em 20 por cento. Para isso, contam com a ajuda da Funai, de um trator e uma máquina de esteira para arar o chão. Têm mais de 10 hectares de lavoura de mandioca e um dos alimentos básicos da aldeia é a farinha. Eles pretendem montar em Santa Isabel uma fábrica do produto a fim de não serem mais explorados na cidade.